

SOBREVIVENDO À COVID-19: POR UMA RESPOSTA VOLTADA PARA MULHERES

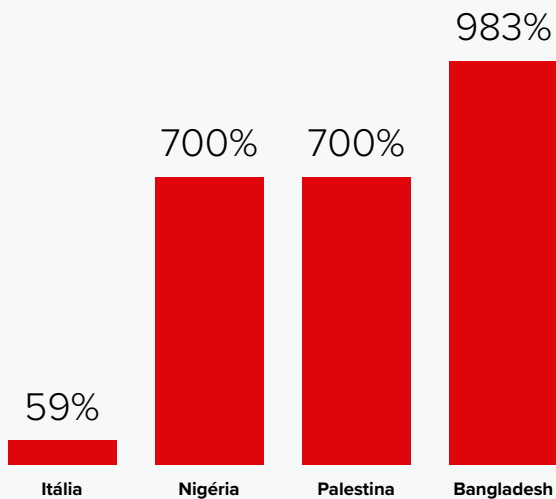


act:onaid

SUMÁRIO

O Secretário Geral das Nações Unidas António Guterres apelou para um ‘cessar-fogo global’ em meio à ‘horrrível onda’ de violência contra mulheres e meninas durante o surto de coronavírus¹, uma tendência que a ONU Mulheres chamou de ‘pandemia à sombra’. A ActionAid está trabalhando com parceiros e com movimentos de mulheres que comandam abrigos e linhas diretas para que as mulheres possam escapar e superar as situações de abusos. Os funcionários e parceiros da ActionAid rastreamos picos de violência doméstica na Europa, África, Ásia, Oriente Médio e América Latina. Em Bangladesh, observamos que os casos de violência doméstica aumentaram dez vezes em comparação com os anos anteriores à pandemia². Mas a ActionAid verificou que o aumento de feminicídio, estupro e violência é um fenômeno global, que ocorre em todas as regiões, com regularidade e previsibilidade chocantes.

O aumento percentual do acompanhamento de casos de violência doméstica pela ActionAid e seus parceiros em Março/Abril de 2019 comparado com o mesmo período em 2020:



Mesmo antes do coronavírus, em média, 137 mulheres são mortas intencionalmente por um membro da própria família, diariamente, em todo

o mundo³. Uma em cada três mulheres no planeta sofre violência física e/ou sexual de um parceiro íntimo ou de outro agressor ao longo da vida⁴. Porém, durante qualquer emergência ou crise prolongada, a violência contra mulheres e meninas aumenta. A pandemia de coronavírus pode ser a crise humanitária de maior alcance em uma geração, destinada a desencadear o pior impacto econômico desde a Grande Recessão da década de 1930⁵.

As evidências coletadas para este documento nos apontam que mulheres estão sofrendo as consequências. São trabalhadoras da saúde, educadoras domésticas, cuidadoras, enfrentando desemprego sem proteção social e com enormes lacunas no acesso a serviços públicos. Isso cria um ciclo de aprisionamento. O acesso de mulheres e meninas à tecnologia em muitos contextos é limitado e o telefone ou a internet geralmente são controlados por parentes do sexo masculino, bloqueando opções para buscar apoio ou fuga.

As medidas de resposta da Covid-19 em todo o mundo são manchetes da diretriz “fique em casa”, mas para muitas mulheres, meninas e pessoas LGBTQ+, a casa não é um lugar seguro. Pelas restrições, muitas pessoas LGBTQ+ estão confinadas em ambientes hostis com familiares ou coabitantes que não os apoiam. Estão vulneráveis à violência homofóbica e transfóbica⁶ e muitas vezes são criminalizados ou indesejados em alguns abrigos e serviços. Há também um risco maior de exploração sexual e violência por funcionários do estado e forças armadas⁷.

Essas tendências são percebidas globalmente, mas são ampliadas em comunidades marginalizadas, onde as desigualdades existentes exacerbam o perigo para mulheres e meninas.

1 UN chief calls for domestic violence 'ceasefire' amid 'horrifying global surge' UN News Farran (2020)

2 O Fórum de Violência contra a Mulher e Prevenção atua em 25 localidades de Bangladesh. Em março/abril de 2020 foram 1.495 casos de violência de gênero, comparados com 138 no mesmo período de 2019. Um aumento de 983%.

3 UN Women Ending Violence Against Women

4 ibid

5 McKinsey 'Imperative of our time' Março 2020

6 OHCHR (2020) 'COVID-19 and the Human Rights of LGBTI People'

7 DFID 'Violence against Women and Girls Helpdesk Report' Março 2020

NOVAS DESCOBERTAS

A ActionAid monitorou as usuárias de serviços e os encaminhamentos de mulheres para abrigos e linhas diretas no Brasil e em sete países da Europa, África, Ásia e Oriente Médio. Os dados de março a maio de 2020, período do isolamento, foram comparados a dados de anos anteriores. As novas descobertas mostram que, embora a violência doméstica tenha aumentado em todo o mundo, os serviços em todo o mundo estão sendo cortados ou encerrados, deixando as mulheres presas a famílias perigosas - ou forçadas a retornar a elas.

Muitos parceiros da ActionAid não recebem financiamento do governo e muitos abrigos enfrentam restrições pelo isolamento. Em abril, a ActionAid foi forçada a fechar temporariamente dez de seus abrigos em Uganda devido ao isolamento, mesmo com os casos dobrados em março e abril de 2020 durante o surto, em comparação com o ano anterior⁸. É crucial que os abrigos e as ações de apoio às mulheres que sofrem violência e abuso sejam classificados como serviços essenciais durante crises e epidemias, porque esse é precisamente o momento em que a vida das mulheres enfrenta o maior risco.

Os recursos da polícia foram redirecionados durante a pandemia. Tribunais criminais foram fechados, impedindo que as sobreviventes tenham acesso à justiça, enquanto os autores dos crimes saem em liberdade. A nova pesquisa da ActionAid com 15 gestoras de abrigos femininos revela que a violência doméstica está aumentando rapidamente em todas as regiões do mundo. Além disso, uma segunda onda de injustiça está sendo causada por acordos extrajudiciais ou impunidade, agravada pelo fechamento ou subfinanciamento de serviços de apoio para mulheres e meninas. Do Nepal à Nigéria, os parceiros da ActionAid estão lidando com casos que são forçados à resolução fora dos tribunais por causa do isolamento. Aumentam-se as tensões da comunidade e se prejudica a capacidade de reconstrução das vidas das sobreviventes.

A ActionAid Nigéria pediu à Presidência que declarasse o estupro como crime sem opções de fiança ou acordo extrajudicial, pois documentou casos quase que diários de violência de gênero⁹ nos Estados de Bauchi, Cross River, Enugu, Kebbi e Kwara, totalizando pelo menos 253 casos desde o início do isolamento, em março de 2020.

A ActionAid no Gana considera a impunidade um dos principais fatores para a perpetuação e a repetição da violência¹⁰. No Gana, 71,5% das mulheres sofreram violência durante a vida e, apesar de uma Lei de Violência Doméstica abrangente ter sido aprovada em 2007, muitas sobreviventes ainda não têm acesso à justiça pelos crimes sofridos. No Gana, a ActionAid pediu um Fundo de Violência Doméstica sustentável e com recursos suficientes para que as sobreviventes tenham tratamento médico gratuito, provisão de abrigo e acesso à justiça.

Ainda assim, a “pandemia à sombra” causada por violência, estupro e assassinato de mulheres continua sendo a parte mais ignorada e subfinanciada do Plano Global de Resposta Humanitária da ONU para a Covid-19. Menos de 0,3% do financiamento necessário para proteger as mulheres da violência foi utilizado.¹¹

A ActionAid trabalha com organizações de direitos das mulheres, ativistas e sobreviventes da violência cujo conhecimento e experiência devem ser fundamentais para qualquer tomada de decisão em torno da prevenção e resposta da violência de gênero.

8 O abrigo da Action Aid em Bwaise, Kampala, lidou com 480 casos de violência de gênero em março/abril de 2019 e com 955 em março/abril de 2020. Um aumento de 99%.

9 A definição de violência de gênero pode ser encontrada no artigo de 1993 UN General Assembly Declaration on the Elimination of Violence against Women.

10 ActionAid Ghana, 'Falling Through The Cracks' Report 2019

11 OCHA Covid-19 Funding Summary May 2020

UM FÊNOMENO GLOBAL:

sonambulismo em direção à ‘pandemia à sombra’ do feminicídio global

Ásia: Bangladesh

“Mulheres e meninas estão presas numa jaula pressurizada”

A ActionAid colabora com o Fórum Nacional de Violência contra a Mulher e Prevenção, formado com a Rede de Prevenção de Violência contra a Mulher, que atua em 25 distritos de Bangladesh. O fórum documentou um aumento chocante de dez vezes nos relatos de violência de gênero, incluindo violência doméstica e estupro, durante a pandemia¹². Sem financiamento do governo e com o nível de violência aumentando durante o isolamento, teme-se que o desemprego crescente torne as mulheres ainda mais vulneráveis à violência. O número de estupros em abril de 2020 aumentou quatro vezes em comparação com abril do ano passado¹³.

As redes apoiam as mulheres por meio de trabalho em grupo e chamam a atenção para o fato de que os isolamentos restringem a proteção às mulheres no momento atual e no longo prazo.

As redes observaram um aumento de 345% nos casos de violência física contra as mulheres¹⁴. No entanto, os representantes das redes se preocupam com o fato de que alguns casos ainda não são relatados devido às tensões do isolamento.

O surto chocante da violência também está afetando os campos de refugiados de Rohingya no distrito de Cox’s Bazar. Houve um aumento de 28% nos relatos de violência de gênero nos campos¹⁵, pois mulheres e meninas estão presas em uma “jaula pressurizada”. Uma mulher reportou, recentemente, que precisou de nove pontos depois de ter as solas dos pés cortadas pelo vizinho. A discussão começou sobre um ladrilho caído e foi

uma discussão que rapidamente se tornou violenta devido às pressões elevadas do isolamento.

No Cox’s Bazar, autorizou-se que os sete “espaços seguros” da ActionAid permanecessem abertos para que pudesse ser dado o apoio vital às mulheres. Muitas são sobreviventes de violência sexual em conflito. Todas as ações que vão além de alimentação emergencial, água e saneamento foram suspensas.

Estudo de caso:

Sharmin, assessora de gerenciamento de casos nos campos de refugiados, diz: “Mulheres e meninas estão presas em uma jaula pressurizada. Com os homens em casa o dia todo, as coisas estão muito tensas. Tivemos situações em que as esposas foram atacadas. Pequenas divergências estão se transformando em grandes ataques.



¹² O Fórum de Violência contra a Mulher e Prevenção atua em 25 localidades de Bangladesh. Em março/abril de 2020 foram 1.495 casos de violência de gênero, comparados com 138 no mesmo período de 2019. Um aumento de 983%.

¹³ Fórum Nacional de Violência contra a Mulher e Prevenção: em abril de 2020 houve uma média de 19 denúncias de estupro, comparados com a média de 5 casos de estupro por mês em 2019.

¹⁴ Fórum Nacional de Violência contra a Mulher e Prevenção: em média, em 2019, foram vistos 29 casos por mês, enquanto que em abril de 2020 houve uma média de 129 incidentes de violência física contra mulheres denunciadas. Um aumento de 345%.

¹⁵ Abrigo Kutupalong Ukhyia em Cox’s Bazar: 47 casos em março/abril de 2019; casos em março/abril de 2020: 60, um aumento de 28%.

Mulheres e meninas precisam de aconselhamento e serviços de apoio adequados, com os quais possam se tornar autossuficientes. No entanto,

sem o financiamento do governo, as mulheres nos campos têm um futuro incerto preso à violência.”

Ásia: Nepal

“Há picos de violência doméstica, assassinato, estupro, casamento infantil, poligamia e suicídio”

No Nepal, o Centro de Reabilitação para Mulheres e a Rede de Defensores dos Direitos Humanos descobriram 624 casos de violência em 51 distritos. Dois terços dos casos foram perpetrados pelos próprios familiares.

A ActionAid Nepal estabeleceu uma Pessoa Focada em Gênero. É um apoio na linha de frente para que mulheres e meninas possam denunciar crimes e tenham acesso a serviços e à justiça. A ActionAid está construindo uma cadeia de apoio na comunidade, pela qual mulheres e meninas são conectadas por telefone e mídia social, para que assim possam forçar o governo a prestar contas. O programa conecta o governo local, o comitê judicial e os líderes locais com sobreviventes e ativistas que exigem acesso a serviços e resposta instantânea a casos violentos.



Nisha Lama Karki, coordenadora de direitos das mulheres da ActionAid Nepal, disse: “Há poucos lugares para abrigo pelo medo de infecção. O governo carece de kits de testagem, muitos abrigos negam acesso às mulheres sobreviventes. Além disso, os comitês judiciais não estão funcionando no momento para lidar com esses casos. Mesmo se os crimes forem denunciados, a polícia está solicitando resolução e mediação dos casos, e isso gera nas sobreviventes medo, insegurança e desconfiança. Devido ao isolamento, os casos de violência são suprimidos e as sobreviventes não estão denunciando. Existe uma enorme lacuna no fornecimento de segurança e no acesso à justiça. Por isso, a taxa de suicídio aumentou em mulheres e meninas.”



África: Nigéria

“Mulheres são sexualmente violadas ou mortas quase que diariamente”

A ActionAid Nigéria chamou o agravamento de violência de “emergência”, após o aumento nos casos relatados de estupro e assassinato de mulheres e meninas, principalmente em maio de 2020. Desde o isolamento em março de 2020, a ActionAid Nigéria e seus parceiros documentaram 253 casos de violência de gênero nos estados de Bauchi, Cross River, Enugu, Kebbi e Kwara.

A diretora do país, Ene Obi, disse: “A prisão não é mais suficiente para servir como ferramenta de dissuasão, já que agora é quase uma ocorrência diária. A maioria desses casos é resolvida fora dos tribunais, portanto não há justiça real para as sobreviventes e para suas famílias. Os casos de violência de gênero na Nigéria nunca foram tão alarmante. Meninas, mulheres, jovens e idosas agora vivem com medo, pois não estão mais seguras, mesmo em suas próprias casas.”

Na Nigéria, a ActionAid está apoiando sete abrigos. Nossa parceira Attah Sisters Helping Hand Foundation (ASHHF) viu o número de casos quase triplicar durante a pandemia. A equipe está lidando com quase um caso de estupro por dia, e nenhum financiamento do governo.

No Irete Resource Center, em Lagos, 48 casos de violência doméstica foram notificados em março/abril. Trata-se de um aumento de 700% em comparação com os seis casos no mesmo período de 2019. O número de usuários do serviço dobrou em relação ao ano passado.

Olaoluwa Abagunke trabalha em Irete, disse:

“Como sobrevivente de abuso sexual infantil, sou dedicada em apoiar os indivíduos mais vulneráveis, especialmente mulheres e meninas, a superar todas as formas de violência e práticas violentas. Trabalhar no Irete Resource Center me fornece uma plataforma prática para que eu possa contribuir para a prevenção e resposta eficazes à violência sexual contra mulheres e meninas.”

A Ministra de Assuntos Femininos de Cross River, em Calabar, disse:

“Inicialmente, encerramos as operações no auge da pandemia. Mas tivemos que retomar o trabalho devido às chamadas incessantes e aos crescentes relatos de violência nas famílias. Se a intervenção não for realizada rapidamente, teme-se que muitas dessas mulheres possam ser desfiguradas ou até perder a vida.”

África: Quênia

“Adaptação é a chave. Temos que ajustar os serviços para resolver necessidades que emergem”

Os estupros e outras formas de casos de violência sexual aumentaram exponencialmente nas duas primeiras semanas do atual toque de recolher em todo o país, somando 35,8% de todos os crimes denunciados¹⁶. No entanto, programas que previnem e protegem as mulheres da violência foram suspensos ou desacelerados devido a restrições de encontros sociais e fechamento de escolas. A ActionAid Quênia adaptou-se e se comunica através de uma plataforma de SMS que conecta 7.000

membros e parceiros com programas de rádio locais para que possam alcançar mensagens de apoio e aconselhamento. O apoio crucial e a resposta às sobreviventes de violência, em questões médicas, jurídicas e psicossociais, não cessaram. A equipe da ActionAid no Quênia também está fornecendo transferências em dinheiro para mulheres que perderam o emprego devido ao isolamento - o que pode aumentar o estresse familiar, já que os meios para alimentar os filhos são perdidos.

¹⁶ Daily Nation

Agnes Kola, que lidera o programa de Direitos da Mulher na ActionAid Quênia, disse: “Medidas de resposta a crises econômicas, como distribuição de alimentos e transferências de dinheiro providenciados pelo governo e por outros atores,

devem ser responsáveis pela situação única das mulheres, fornecendo itens que melhoram o estado de saúde e que permitem o poder de decidir sobre o que será fornecido para suas famílias.”

Oriente Médio: território ocupado da Palestina

“O feminicídio atormenta a sociedade palestina há décadas, mas está se tornando mais pronunciado”

No território ocupado da Palestina, as redes de jovens da ActionAid e as equipes lideradas por mulheres adaptaram programas para criar serviços on-line, linhas telefônicas e apoio social distanciado porta a porta para mulheres.

A Wefaq Society, parceira da ActionAid no sul da faixa de Gaza, relata que o número de mulheres sobreviventes de violência doméstica que receberam aconselhamento individual e assessoria jurídica aumentou 700%¹⁷. Devido a restrições do isolamento, os serviços da Wefaq estão sendo fornecidos on-line e a ActionAid está usando transmissões de rádio para aumentar a conscientização sobre a violência de gênero.

A ActionAid Palestina criou uma plataforma on-line para grupos de mulheres, incluindo oficinas para lidar com o estresse e a pressão da família. A equipe compartilha detalhes de contato de todas as unidades de emergência e de instituições especializadas em cada localização geográfica, para que as mulheres possam solicitar ajuda a qualquer momento. Eles fornecem orientação para reduzir a

violência doméstica, num trabalho coordenado com especialistas e fazendo encaminhamentos sempre que necessário.

Onze mulheres foram registradas como mortas desde o início de 2020, seis delas assassinadas no isolamento de coronavírus, de acordo com a ativista de direitos das mulheres palestinas Shatha Shiekh Yousef, porta-voz de Talat, em Haifa.

Em Gaza, o Centro de Assuntos das Mulheres declara que a presença de homens e crianças dentro de casa criou uma nova onda de violência contra as mulheres, incluindo violência verbal, física, psicológica e sexual. Isso aumentou o medo, a tensão, a queixa e o estresse psicológico das mulheres, colocando-as sob alto risco, pois elas são confinadas junto com seus agressores.

O SAWA, outro movimento de mulheres palestinas que monitora e informa sobre violência de gênero, conseguiu responder 82% das mais de 78.000 chamadas feitas para a linha de apoio durante o isolamento de março a maio de 2020.



¹⁷ Sessões de aconselhamento individual e orientação jurídica foram prestadas a 320 mulheres em março/abril de 2020, em comparação com os 40 do mesmo período em 2019. Um aumento de 700%.

América Latina: Brasil

“O feminicídio aumentou 300% no Norte”

No Brasil, o feminicídio já tinha aumentado 7,3% em 2019 em comparação com o ano anterior. Agora, a violência doméstica está se aprofundando, na medida em que as mulheres estão em isolamento social junto com o agressor. Em março e abril de 2020, 143 mulheres foram mortas em 12 estados, um aumento de 22% no feminicídio em relação ao ano passado, de acordo com dados coletados por agências de segurança. Segundo o relatório, o estado com piores índices é o Acre, no Norte do Brasil - o aumento foi de 300%¹⁸. As mulheres são mais vulneráveis durante a crise sanitária, incapazes de recorrerem a delegacias, linhas diretas ou outras opções para que possam denunciar seus agressores e, assim, se protegerem. Portanto, esses números são considerados amplamente subnotificados.

Dados das cidades do Rio e São Paulo mostram um aumento de cerca de 50% dos casos de violência doméstica. Dadas as recomendações de distanciamento social, mulheres, meninas, adolescentes e bebês estão mais expostos à violência dentro de suas próprias casas. A ActionAid Brasil e seus parceiros estão fazendo campanha para impedir o abuso sexual de crianças e adolescentes, compartilhando informações confiáveis sobre como agir e procurar ajuda. Muitos parceiros da ActionAid Brasil também estão distribuindo panfletos com informações sobre a Lei Maria da Penha (que criminaliza a violência doméstica), e com detalhes sobre como acessar delegacias amigas da mulher e abrigos para mulheres.

Nivete Azevedo administra o Centro das Mulheres do Cabo, no estado de Pernambuco, no Brasil, que foi particularmente atingido pela Covid-19.

Ela disse: “No litoral de Pernambuco, onde trabalhamos, a Casa de Referência das Mulheres é responsável pela primeira assistência em casos de violência doméstica. Mas sua operação foi interrompida porque 90% da equipe acabou contraindo a Covid-19. Precisávamos suspender o serviço por 15 dias.”

No estado do Rio Grande do Norte, os serviços não fecharam. Continuaram funcionando, mas com equipe e jornadas reduzidas. A Secretaria Especial de Política da Mulher realizou uma reunião pública com a Polícia Civil e realizou uma ação conjunta para divulgar as redes sociais do serviço, para que mulheres vítimas de violência doméstica pudessem usar esses canais on-line. Também foi criada uma lei para sancionar a criação de uma delegacia virtual para atender melhor às crescentes necessidades das mulheres pelo aumento da violência doméstica no estado.

Glauce Arzua, da ActionAid Brasil, disse:

“A ActionAid tem investido no fortalecimento da autonomia das mulheres e em espaços exclusivos para que mulheres possam conhecer e compartilhar seus problemas - espaços que forneçam apoio, onde se façam campanhas contra a violência doméstica e onde elas se fortaleçam para gerar seus próprios negócios. Isso tudo está parado agora por causa do isolamento. E essas mulheres não devem ser deixadas para trás. Mais uma vez, estão trancadas em suas casas, tendo que assumir todas as tarefas, sem ter uma palavra a dizer, ou expostas ao abuso quando têm algo a dizer. Esse é o ciclo de abuso.”



18 Security Incident Reporting across Brazilian States report Abril 2020

Europa: Itália

“A violência sempre esteve lá, mas a magnitude do perigo está pior agora”

Uma análise do Instituto Nacional de Estatísticas da Itália (ISTAT) constatou que o número de mulheres que pediram ajuda através da linha direta de combate à violência do governo aumentou 59% durante o isolamento.¹⁹

O centro anti-violência financiado pela ActionAid, ‘Tellini Onlus’, percebeu um aumento nos pedidos de apoio desde o início do surto de coronavírus, mas atende a questões estruturais da violência contra as mulheres há mais de uma década. O centro registrou um aumento de 50% nos casos de repetição ou retorno e o nível de risco para essas mulheres piorou. O centro oferece um caminho de fuga para as sobreviventes, com aconselhamento profissional e subsídios para ajudar as mulheres na

recuperação de autonomia.

Estudo de caso: Michaela * tem 65 anos e nos disse que o marido controla tudo o que ela faz. Por seis meses, ela se juntou ao centro para planejar uma fuga, mas isso se tornou mais difícil com o isolamento. Ela liga para o centro quando ele sai para seus afazeres. Ela teme que qualquer passo em falso gere violência. Com o isolamento, ela não sai mais, nem para fazer compras, porque, segundo ela, ele decide tudo, inclusive se ela pode comer ou não. O centro está no apoio, recomendando estratégias seguras para que ela possa sobreviver a esse período.

**nome alterado*

Europa: Grécia

“Nossos serviços estão sendo cada vez mais demandados, não apenas pelas famílias de baixa renda, mas por toda a comunidade”

O governo da Grécia lançou uma linha telefônica nacional (SOS 15900) para fornecer informações e aconselhamento por telefone às mulheres vítimas de abuso. Em um mês (abril de 2020 em comparação a março), as chamadas para esta linha direta aumentaram 230%. O governo grego também administra 42 centros femininos, que fornecem serviços de apoio social, psicológico, jurídico e de emprego, e transferiu esses serviços para plataformas on-line. Existem 20 abrigos nacionais para mulheres na Grécia (com 405 camas). O número de mulheres que procuram abrigo está aumentando exponencialmente à medida que as restrições da quarentena se ampliavam. O governo garantiu que as restrições de mobilidade devido à Covid-19 não se aplicavam a sobreviventes de abuso e violência que desejavam viajar para sua cidade natal ou outras áreas na Grécia.

Durante o bloqueio pandêmico do COVID-19, com base nas recomendações do governo, o Centro Comunitário da ActionAid em Atenas interrompeu seus serviços habituais para famílias com baixos encargos. No entanto, a partir do dia seguinte, todos os projetos de serviços e educação foram fornecidos remotamente, por telefone e meios digitais.

A equipe da ActionAid está recebendo solicitações crescentes da comunidade sobre questões psicológicas e financeiras, acesso a benefícios sociais, cuidados com filhos, contabilidade, empregabilidade e educação. Esse aumento da demanda não vem apenas de pessoas com baixo renda, daquelas que geralmente demandam os serviços oferecidos pelo centro comunitário da ActionAid, mas também da população em geral.

¹⁹ ISTAT síntese de reports 13 de maio de 2020 disponível sob demanda

Estudo de caso:

Sophia * tem 31 anos e é uma mulher desempregada que sofre abuso físico, emocional e verbal de seus pais há anos. O abuso piorou durante o confinamento e ela ficou presa em um ciclo de violência, sofrimento emocional e problemas de saúde mental. A ActionAid Grécia forneceu apoio holístico a Sophia, que ingressou em um programa de desenvolvimento de carreira,

além de receber apoio psicossocial para lidar com o impacto da violência doméstica. Sophia conseguiu encontrar um emprego - mesmo durante o confinamento - e encontrou coragem para deixar seu ambiente abusivo. A ActionAid continuará apoiando Sophia até que ela se sinta totalmente independente e segura.

**nome alterado*

UMA RESPOSTA GLOBAL ADEQUADA PARA UMA ‘PANDEMIA À SOMBRA’

Antes da pandemia, muitos governos falharam em fornecer serviços básicos, gratuitos e essenciais para tratar da violência de gênero - como linhas de apoio, abrigos, respostas da polícia e da justiça e assistência médica. Em muitos países, esses serviços continuam sub financiados, com falta de pessoal e com coordenação insuficiente.

A ONU estima que são necessários US\$ 6,71 bilhões²⁰ para apoiar os países com seus Planos de Resposta Humanitária à Covid-19²¹. Desse montante, aproximadamente US\$ 45 milhões serão necessários para combater a violência de

gênero global durante a pandemia²². No entanto, em maio de 2020, não houve menção específica à violência de gênero no Rastreador de Políticas do Fundo Monetário Internacional (FMI) - que sintetiza as principais respostas econômicas e sociais à Covid-19 em 193 países²³ - nem no Banco Mundial, nem na Proteção Social e Resposta Trabalhista à Covid-19 da OIT²⁴. Apesar do amplo reconhecimento de que a violência de gênero aumentou em todo o mundo durante a pandemia, menos de 0,3% do financiamento necessário para proteger as mulheres da violência foi comprometido²⁵.

Alguns governos estão tomando medidas iniciais para combater o aumento da violência de gênero, ou têm pacotes de medidas direcionados às mulheres

- Na Itália, em vez de uma sobrevivente ter que sair da casa do agressor, os promotores decidiram que, em situações de violência doméstica, o agressor deve deixar a casa da família.
- Em Madri, na Espanha, um serviço de mensagens instantâneas com função de geolocalização oferece uma sala de bate-papo on-line que fornece suporte psicológico imediato às sobreviventes de violência.
- Nas Ilhas Canárias, na Espanha, as mulheres podem acionar farmácias em caso de violência doméstica usando o código “Mask-19” via mensagem. A polícia vem para dar o apoio.²⁶
- Nas Províncias do Canadá Quebec e Ontário, os abrigos para casos de violência doméstica são considerados serviços essenciais e permanecerão abertos durante o isolamento. O país anunciou um pacote de ajuda de US\$ 50 milhões para abrigos que recebem vítimas de violência sexual e outras formas de violência de gênero.²⁷

20 UN OCHA Covid-19 funding summary

21 UN OCHA

22 ibid

23 Importante notar que o rastreador foca em atos discricionários e pode não refletir em totalidade as políticas de resposta tomadas pelos países.

24 World bank and ILO Social Protection and Job Responses to COVID-19 'real time review' Abril 2020

25 UN OCHA appeal summary

26 UN Women Ending Violence against Women and Girls

27 ibid

- Bangladesh incluiu serviços de saúde e proteção em seu plano de resposta humanitária, reconhecendo que a violência de gênero aumentará.
- No Brasil, mulheres com filhos e sem cônjuge, elegíveis para o auxílio financeiro do governo em resposta à C-19, receberão uma quantia extra em dinheiro.
- A Colômbia está fornecendo cupons de alimentos em espécie para crianças e mulheres ‘em risco nutricional’.
- Na Índia, as mulheres receberão transferências em dinheiro por três meses. Para ser elegível, as mulheres precisam de uma conta ‘Pradhan Mantri Jan Dhan Yojana’ (uma inclusão financeira).
- O plano regional da Síria tem por objetivo manter cuidados de saúde essenciais para refugiados e para outros grupos vulneráveis. Saúde mental e apoio psicossocial a mulheres e meninas estão inclusos.²⁸

Nenhuma fórmula mágica: a grande maioria dos governos está comprometida com a redução da violência de gênero, e isso é resultado de campanhas direcionadas dos movimentos de mulheres. A África do Sul anunciou um plano com cinco pontos para enfrentar a crise da violência de gênero antes da pandemia. Inclui prevenção; fortalecimento do sistema de justiça criminal; melhoria do quadro jurídico e político; garantia ao atendimento, apoio e cura adequados para as vítimas de violência; e fortalecimento do poder econômico das mulheres. O presidente Cyril Ramaphosa disse ao lançar a iniciativa: “Ao

implementar nossas medidas de prevenção, devemos reconhecer que a violência contra as mulheres não é um problema das mulheres. É um problema dos homens”²⁹. Mais recentemente, em junho de 2020, ele pediu pelo fim da “cultura do silêncio em torno da violência de gênero”, após sucessivos feminicídios, incluindo o de uma mulher grávida de oito meses, encontrada esfaqueada e pendurada em uma árvore. Ele observou que eles começaram a ocorrer quando algumas restrições foram levantadas por ocasião do coronavírus, incluindo a proibição da venda de álcool.³⁰

28 UN Humanitarian Response plan p73

29 News 24 2019

30 BBC June 2020

DECISÕES, LIDERANÇA E RESPOSTA DAS MULHERES AO PROBLEMA QUE AS AFETAM

ActionAid está pedindo que níveis mais elevados de financiamento sejam direcionados diretamente para organizações e redes locais de direitos das mulheres que trabalham na linha de frente de crises e desastres. Há quatro anos, na Cúpula Humanitária Mundial inaugural, os principais doadores, as agências da ONU e as organizações não governamentais internacionais (ONGIs) que trabalham em resposta a emergências concordaram que pelo menos 25% do financiamento deve ser direcionado diretamente a organizações locais, como aquelas que administram esses abrigos para mulheres, pois sabem como apoiar de forma mais eficaz as suas comunidades. A ActionAid levou a sério essa promessa e mais de 60% de seu financiamento humanitário vai para organizações locais. A maioria vai para organizações de mulheres, como as apresentadas neste documento. Por outro lado, em 6 de maio, apenas 0,1% do financiamento humanitário do Plano Global de Resposta Humanitária, liderado pela ONU, havia sido direcionado para organizações locais.³¹

Mulheres, organizações e redes de mulheres continuam sem participar dos espaços de decisão cruciais para a resposta à Covid-19 e nos esforços

de recuperação social e econômica da pandemia³². Embora, globalmente, o número médio de mulheres que compõem a força de trabalho em saúde e assistência social seja de 70%, a Care International constatou que as mulheres compunham apenas 24%, em média, dos órgãos de tomada de decisões em nível nacional para a pandemia.³³

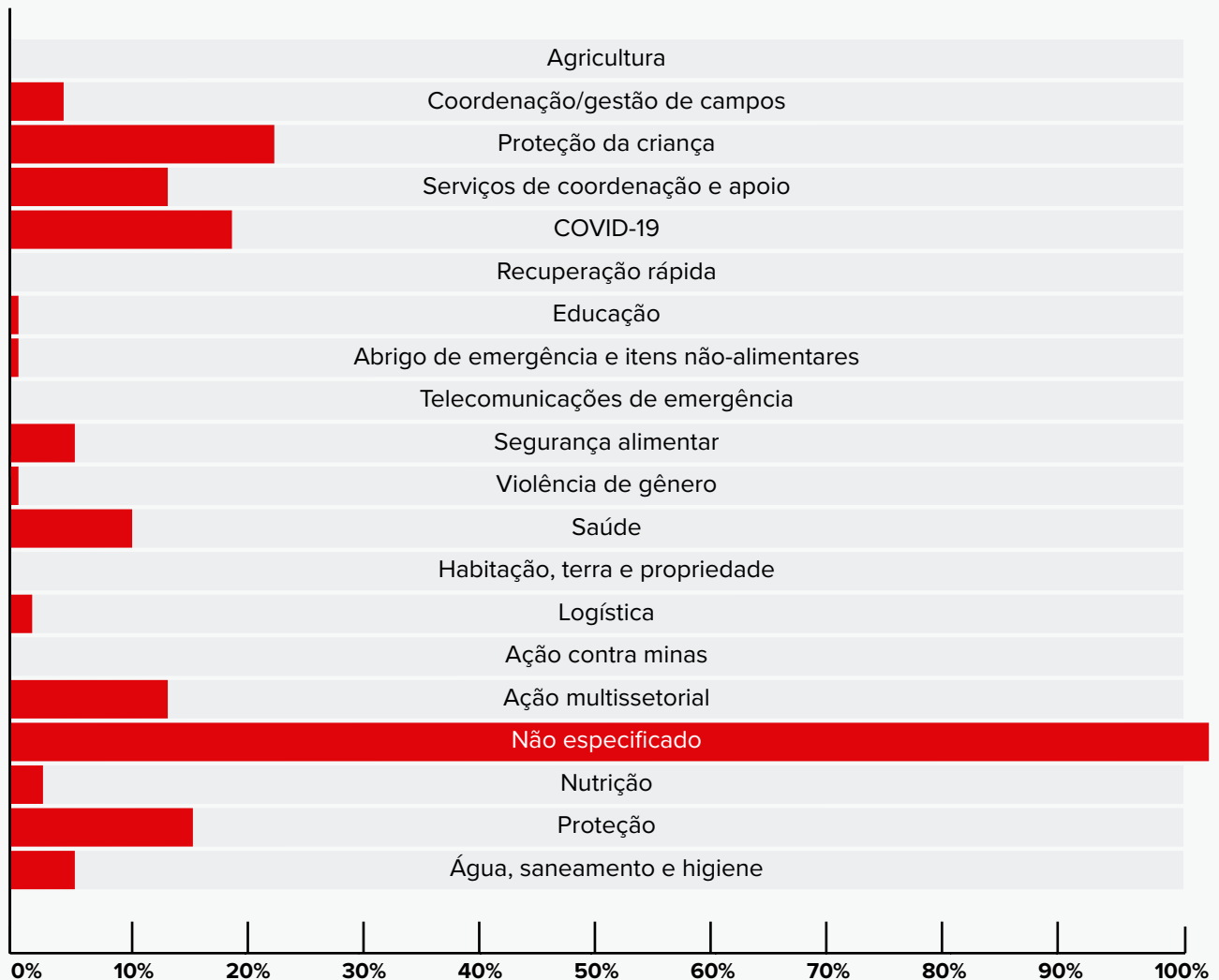
O Plano Global de Resposta Humanitária das Nações Unidas fala dos desafios para mulheres e meninas durante a pandemia, mas não menciona a atuação das mulheres, nem promove a liderança delas. As organizações locais de mulheres, que estão na vanguarda da luta contra a propagação do vírus, não estão recebendo uma parcela justa de financiamento. O atual sistema de rastreamento da ONU não indica a quantia de financiamento é canalizada para organizações lideradas por mulheres ou que lutem pelos direitos das mulheres. Além disso, o plano não tem um objetivo específico de prevenção e resposta à violência de gênero. Sem atenção especial ou dedicação de financiamento e expertise, o gênero e outras desigualdades serão exacerbados e os direitos das mulheres correm o risco de serem erodidos.

31 Charter for Change

32 OPERATION 50/50: 'Women's Perspectives Save Lives'

33 Care International 2020

O Rastreamento Financeiro da ONU da Resposta Global à Covid-19 mostra que a violência de gênero é a seção mais subfinanciada do Apelo Humanitário Global (0,3% do financiamento é destinado à violência de gênero).



Outra preocupação grave em relação ao plano global de resposta humanitária é que alguns doadores humanitários da ONU, como a USAID, estão fazendo lobby para que os serviços de saúde sexual e reprodutiva sejam totalmente removidos do plano³⁴. Conforme observado no informe “Criando um impacto duradouro”³⁵ da ActionAid, as mulheres têm necessidades específicas relacionadas à saúde sexual e reprodutiva, que geralmente são menosprezadas durante epidemias. Durante o surto de Ebola na Serra Leoa entre 2013 e 2016, mais mulheres morreram de complicações obstétricas do que da própria doença.



34 USAID

35 ActionAid 2020 'Creating Lasting Impact'

Igualdade para mulheres e pessoas LGBTQI+ será impossível se os serviços de saúde deixarem de atender às necessidades específicas das mulheres (serviços de saúde materna, sexual e reprodutiva geralmente fornecem atendimento a HIV e resposta à violência de gênero). Cortes nesses serviços significam a morte de mulheres. Atualmente, 214 milhões de mulheres em idade reprodutiva nos países em desenvolvimento que desejam evitar a gravidez não estão usando métodos contraceptivos modernos³⁶. A gravidez e o parto seguros dependem de profissionais de saúde qualificados e atendimento de emergência de qualidade. No contexto de uma pandemia de saúde, esses serviços estão sendo interrompidos pelo isolamento, mas também estão perdendo prioridade pela alocação de financiamento, suprimentos e trabalhadores em outros setores que lidam

com a pandemia. No Quênia, uma instituição de caridade em Meru está preocupada com o fato de que o foco na saúde materna está sendo deixado de lado, ao passo que os recursos são redirecionados para a resposta da Covid-19. Relata-se que 11 mulheres grávidas morreram durante o isolamento na localidade.³⁷

O documento de orientação da ActionAid intitulado “Criando um impacto duradouro” destaca como a coleta de dados em emergências de saúde é lamentavelmente inadequada, pois sequer discrimina o impacto para grupos de risco, como mulheres grávidas e com deficiência³⁸. A pesquisa deve ser liderada por mulheres e rastrear as necessidades das mulheres, de modo que a programação seja projetada para lidar com os impactos interseccionais da pandemia nas mulheres.



Recomendações de política global para resposta à Covid-19

- Garantir urgentemente que todas as necessidades de financiamento descritas no plano da ONU cheguem às organizações locais de mulheres e às redes de direitos das mulheres que trabalham na linha de frente de crises e desastres.
- Garantir que as organizações locais de mulheres, as mais afetadas pela crise, tenham o poder de influenciar e participar do planejamento de respostas à Covid-19.
- Priorizar o aumento ao financiamento para prevenir a violência contra mulheres e meninas. É uma intervenção que salva vidas logo no início das respostas humanitárias.
- Financiamento de pesquisas e análises lideradas por mulheres, para que os dados sobre as mulheres sejam devidamente discriminados e suas necessidades específicas possam ser atendidas.

36 WHO 2018 'Family Planning/Contraception Key Facts'

37 Devex 2020

38 ActionAid 2020 'Creating Lasting Impact'

Para prevenir e responder à violência de gênero, os governos devem:

- Adotar uma política de tolerância zero à violência de gênero, mobilizando o máximo de recursos e medidas para prevenir e responder a ela, cumprindo os compromissos existentes. É hora de transformar a teoria em prática antes que mais vidas de mulheres sejam perdidas.
- Classificar urgentemente o atendimento à violência de gênero como serviço essencial e garantir que seja priorizado pela polícia, pela saúde e pelos outros responsáveis. Isso inclui linhas diretas e abrigos universais e gratuitos, resposta médica de emergência e gerenciamento clínico (tratamento de lesões, contracepção de emergência, profilaxia pós-exposição e tratamento de DSTs), apoio à saúde mental, serviços policiais e apoio ao setor da justiça.
- Expandir urgentemente as respostas de proteção social que sustentam o emprego e os meios de subsistência das mulheres, particularmente as do setor informal e da agricultura, reconhecendo que muitas mulheres permanecem presas em relacionamentos violentos porque não têm recursos econômicos.
- Aumentar fundos para organizações da sociedade civil que administram serviços inclusivos de prevenção e resposta à violência de gênero liderados por mulheres; garantir que os sistemas judiciais continuem processando os agressores; estabelecer sistemas de alerta de emergência em farmácias e mercearias; e criar maneiras seguras para que as mulheres procurem apoio sem chamar a atenção de seus agressores.
- Tomar medidas específicas em todas as esferas políticas, em programas e em serviços de prevenção e resposta à violência de gênero para reconhecer e agir sobre a violência de gênero contra todas as mulheres marginalizadas e pessoas LGBTQI+, sem discriminação.
- Garantir que as políticas e programas de prevenção e resposta à violência de gênero centralizem o conhecimento e a experiência acumulados ao longo de décadas por especialistas em violência de gênero que atuaram no atendimento a mulheres e prestadores de serviços especializados que apóiam grupos particularmente marginalizados, incluindo mulheres deslocadas e comunidades LGBTQI+. Essas organizações devem estar significativamente envolvidas em todas as tomadas de decisão em todos os estágios de qualquer intervenção, bem como priorizadas para financiamento e outros recursos.

Escritório no Brasil

Rio de Janeiro

Rua Moraes e Vale, 111 / 5º andar – Centro

CEP 20021-260 Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: +55 21 2189 4600

actionaid.brasil@actionaid.org

www.actionaid.org.br